



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

1
FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

UMA CONTRIBUIÇÃO REICHIANA AO TRABALHO DE ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO

Flávia Ferretti

RESUMO

O trabalho de Acompanhamento Terapêutico é uma prática comumente indicada ao atendimento de pacientes graves/ e ou em situações graves, em que há uma demanda explícita para além do trabalho terapêutico realizado tradicionalmente no consultório. O presente trabalho consiste na apresentação de um estudo de caso de um acompanhamento terapêutico realizado com um homem de 44 anos que teve uma encefalite viral (pelo vírus da herpes) e sofreu seqüelas graves na área da memória recente. Trata-se de uma experiência como acompanhante terapêutico de reabilitação neurológica em que foram utilizadas técnicas corporais como recurso para aliviar o sofrimento, a dor e a angústia vivida. Assim como meio para que o indivíduo pudesse restabelecer um contato mais profundo com o seu *eu biológico*. Além de favorecer na construção de um vínculo de confiança potente com o terapeuta criando condições para que encontrasse algum modo de organização em si que pudesse colocá-lo funcionando na vida.

Palavras-chave: Abordagem Reichiana. Acompanhamento Terapêutico. Ressonância. Reabilitação Neurológica. Técnicas Corporais.

INTRODUÇÃO

O trabalho de Acompanhante Terapêutico surgiu primeiramente em Buenos Aires, na Argentina, no início da década de 70, em 1979 esse modelo foi adotado em São Paulo no hospital-dia do Instituto “A Casa”. Inicialmente era um trabalho indicado ao tratamento de pessoas em crises psicóticas, como alternativa à internação. “O trabalho do acompanhante terapêutico... surgiu como uma necessidade clínica em relação a pacientes com os quais as abordagens terapêuticas clássicas fracassavam.”(Mauer e Resnizky, 1987, p.37)

Hoje esse tipo de trabalho vêm sendo ampliando como dispositivo de intervenção terapêutica em diversos campos. Como por exemplo no campo da drogadição, depressão pós-parto, alcoolismo, síndromes do pânico, deficiência mental, terceira idade, em casos de pessoas que tiveram lesões físicas e/ou neurológicas e outras indicações.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

2
FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Trata-se de uma prática comumente indicada ao atendimento de pacientes graves/ e ou em situações graves, em que há uma demanda explícita para além do trabalho terapêutico realizado tradicionalmente no consultório. O *setting* é flexível pois se dá no contexto da vida cotidiana não havendo uma delimitação espacial demarcada. Percorre-se o espaço privado (a casa do paciente e sua família) e o público (a cidade, o que ela nos oferece). O tempo de duração do acompanhamento é normalmente de algumas horas, é o tempo de uma ida ao cinema, ou de um passeio no parque por exemplo. A prática clínica se dá no manejo da interação entre a dupla, há uma presença “concreta” do corpo do AT na relação, prevalecendo a ação em lugar da interpretação verbal.

É nesse contexto, da relação acompanhante-acompanhado que dois grandes desafios se colocaram: 1º) Estabelecer um vínculo de confiança potente no sentido de criar condições para que o indivíduo encontrasse algum modo de organização em si que pudesse colocá-lo funcionando na vida. 2º) Aliviar o sofrimento, a dor, a angústia vivida.

À partir da minha formação como terapeuta reichiana e da minha prática clínica como vegetoterapeuta algumas questões se colocaram: Qual o lugar do corpo no trabalho do AT? Lugar esse que é do afeto, ao mesmo tempo que delimita a relação. Por vezes dá sustentação para a ação, outras vezes oferece contensão. Corpo esse que dá pele, contorno, modelo de identificação e oferece o calor da relação humana.

SOBRE A QUESTÃO DO CORPO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No que se refere ao corpo há duas dimensões que ao meu ver precisam ser discriminadas. A primeira: O corpo inserido no campo simbólico que é o objeto de estudos da psicanálise. A segunda: O corpo como organismo vivo entendido no campo fisiológico/biológico dotado de mecanismos e de funcionalidade que é a dimensão investigada por Reich, os neo-reichianos e as neurociências.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

3
FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Nos primórdios das pesquisas de Freud, que era um neurologista, inicialmente ele buscou descrever seus achados em bases neurológicas no *“Projeto para uma Psicologia Científica”* (1969-80, vol.I). Foi a partir do estudo *“A Interpretação dos Sonhos”* (1969-80, vol.IV) que Freud abandona suas investigações voltadas para as bases fisiológicas da psique humana e passa a explorá-la segundo suas manifestações simbólicas. O corpo passa a ser um representante da psique.

Reich, por sua vez, vai em busca de uma unidade funcional entre o psíquico e o somático com base em uma fonte de energia biológica. *“Estava claro apenas que a energia biológica é que governa tanto o psíquico quanto o somático. Uma unidade funcional prevalece.”* (Reich, 1983, p.226).

Reich parte da teoria da libido de Freud *“Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”* (1969-80, vol.VII) e passa a correlacionar o sentimento de angústia com o retorno da libido genital não descarregada. *“Antítese funcional entre sexualidade e angústia”*; (Reich, 1983, p.225).

Nesse sentido, para Reich a saúde psíquica estava na capacidade do indivíduo de realizar descargas satisfatórias da energia sexual através do orgasmo genital, eliminando assim a estase energética, do contrário essa estase energética geraria o sintoma. *“Assim, inserida no todo do pensamento reichiano, a potência orgástica significa, ao mesmo tempo, uma expressão de saúde e também um fator fundamental para a sua manutenção.”* (Albertini, 1994, p.36).

Reich observou que pessoas com grandes inibições poderiam levar a alterações do funcionamento do sistema vegetativo gerando sintomas físicos e psicológicos.

Da hipótese de Freud sobre o funcionamento psíquico (princípio do desprazer-prazer), hipótese aliás vinda da biologia, Reich procurou estabelecer a relação desde o princípio com o funcionamento somático vegetativo (simpático = encolhimento, tensão, inibição, contração = angústia, e parassimpático = expansão, relaxamento = prazer)... Reich estabeleceu a íntima relação entre o biológico (sistema vegetativo) e o psicológico (emoções) (Wagner, 2000, p. 60).

Reich percebeu que as repressões psíquicas exercidas pelo ego correspondiam às contrações musculares do indivíduo, que por sua vez afetavam o bom funcionamento do sistema vegetativo. Ele passou a olhar o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

como o paciente falava, suas expressões corporais e faciais, seus gestos, suas tensões. E à partir dessas observações aguçadas passou a identificar pontos de bloqueio, de contensão no corpo de seus pacientes. *“...ele exprime sua preocupação constante em ultrapassar o discurso psicológico para perceber no próprio corpo os fundamentos do caráter e as bases da neurose.”* (Guasch in Navarro, 1995, p.17)

Com base na sua clínica, Reich constatou que os mecanismos de defesa dos indivíduos, seja contra as forças pulsionais e/ou de sobrevivência e de adaptação à vida e ao meio (familiar, social e cultural) acabavam por serem incorporados permanentemente por estes gerando uma estrutura de funcionamento rígido, crônico e repetitivo. *“Em outras palavras, ganha-se em automatismos e perde-se em liberdade.”* (Albertini, 1994, p. 32).

Esta estrutura rígida se expressava ao mesmo tempo na dinâmica psicológica do paciente, na sua “personalidade” como um todo, a que deu o nome de traços de caráter, *“no principal, o caráter prova ser um mecanismo de defesa narcísico.”* (Reich, 2004, p.165). Assim como na sua resistência às mudanças e à análise *“couraça do caráter”* (Reich, 1983, p.124).

Às estruturas caracteriais para Reich estão sedimentadas na estrutura corporal dos indivíduos através do que ele vai chamar de couraças musculares. *“Eu expresso meu corpo, meu corpo me expressa.”* (Guasch in Navarro, 1995, p.22). As couraças caracterizam-se pela contensão, pela rigidez, pelos bloqueios musculares. É no enrijecimento muscular crônico que estão impressas as fixações, os conflitos infantis, as repressões, as frustrações, que acabam por provocar contenção energética, as estases.

Para Reich a saúde estava em restabelecer as funções neurovegetativas, a economia energética do indivíduo, a capacidade de descarga e relaxamento. Assim como observou nos mecanismos da natureza (expansão-contração). Elaborou a fórmula do orgasmo – fórmula da vida: tensão, carga, descarga e relaxamento.

Para tanto, no plano clínico terapêutico, Reich propõe o trabalho sobre as estruturas caracteriais, que é o que ele vai chamar de análise do caráter (2004). Além de intervenções sobre o próprio corpo do indivíduo com o intuito



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

5

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

de flexibilização das coraças, através de massagens, de exercícios corporais em diversos segmentos, de exercícios de respiração e dos *actings* musculares propostos pelo método da Vegetoterapia Caractero-Analítica criado por ele.

Hoje sabemos através das neurociências que altos graus de estresse crônico aumentam as chances de adoecimento do organismo humano gerando propensão ao infarto do miocárdio, às células cancerígenas, às disfunções da tireóide, ao mal de Alzheimer e etc.

Quando nos defrontamos com algo que nos assusta, um problema insolúvel, ou uma situação que exija mudanças comportamentais, nosso corpo reage imediatamente. Os sistemas circulatório e respiratório se intensificam; a pressão sanguínea e o ritmo da respiração aumentam. Nosso corpo tomou uma medida de proteção, popularmente conhecida como reação de “luta ou fuga.”...Em termos biológicos, a reação de luta ou fuga faz com que o “sistema nervoso involuntário (*sistema vegetativo*)” reaja. São liberados hormônios, incluindo adrenalina, insulina, hidrocortisona e noradrenalina, que estimulam nossos sistemas corporais....Os médicos estão bastante conscientes das relações diretas entre tensão e doença. (Perkins, 1999, p.16,17,18)

Na Vegetoterapia Caractero-Analítica Reich já considerava os processos de estresse vivido pelo organismo, como reação de defesa, gerando contração, desde o nível celular, embrionário, fetal e neonatal. Atribuindo a cada uma dessas fases um grau de comprometimento somático e psicológico no indivíduo adulto.

Pode-se dizer que nas biopatias primárias o sujeito existe, mas com o *medo de ser*, enquanto que nas biopatias secundárias o *medo é o de “tornar-se”* e nas disfunções somatopsicológicas e somatizações o *medo é de viver*. (Navarro, 1991, p.17)

SOBRE A QUESTÃO DO AT

Você deve estar se perguntando: Afinal o que tudo isso tem haver com o trabalho do AT?

Como havia dito inicialmente, a minha primeira experiência como acompanhante terapêutico não foi nada convencional (comumente o AT trabalha como um recurso a mais no tratamento de pessoas em crises psicóticas) pelo contrário, tratava-se de um caso de reabilitação neurológica.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

6

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

M. é um homem culto (ex-juiz) que hoje tem 48 anos e que há quatro anos atrás teve uma encefalite viral (pelo vírus da herpes) e sofreu seqüelas graves na área da memória recente. Estou acompanhando M. a três anos e meio. No início do nosso trabalho ele vivia um grau de angústia tão intenso que quase não suportava ficar sozinho, só se sentia seguro, minimamente confortado ao lado de alguém que lhe desse constante suporte emocional. Estava confuso com tudo que tinha acontecido na sua vida, completamente perdido diante da ruptura que sofrera (perda de memória). Estava tão frágil e regredido que parecia uma criança procurando pelas pernas da mãe para se agarrar no meio da multidão. Sentia-se num país estrangeiro, cercado por pessoas estranhas, que não conhecia, o que era verdade considerando todos os especialistas que participavam do seu tratamento (acompanhante terapêutico, neuro-psicóloga, enfermeiros, psiquiatra e etc). M. queixava-se muito de ter sonhos, dizia que era sobre estar doente, com uma doença cerebral que nem aquela que ele sofrera, e estava sozinho, completamente só no meio de uma multidão desconhecida. Na verdade, os sonhos a que se referia, pareciam ser mais fragmentos da sua própria realidade pois quando sentia-se relaxado, aliviado dizia que era como se tivesse saído de um sonho ruim, de um torpor, de uma névoa, tudo parecia ficar mais nítido, claro para ele.

Como M. lembrava muito pouco do que tinha acabado de fazer, a poucas horas atrás, ficava muito difícil estabelecer diálogos prolongados. Então, com base em alguns princípios da massagem reichiana de estimulação do sistema neuro-vegetativo propiciando relaxamento, bem estar, um contato mais profundo com o *eu biológico* comecei a propor-lhe massagear a sua cabeça, seus ombros e fazer alguns exercícios leves de respiração.

Após as sessões de massagem M. sempre se referia a uma mudança significativa no seu estado emocional e nas suas sensações e percepções. Dizia estar se sentindo 90% presente, sentia-se mais próximo de si mesmo.

Voltando ao Reich, à Vegetoterapia e à fisioterapeuta e psicóloga neo-reichiana Gerda Boyesen que fundou o movimento da Psicologia Biodinâmica fui buscar nas técnicas de massagem estabelecer uma relação empática, sutil, afetiva, pautada no acolhimento do toque e numa linguagem não verbal.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

7

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

A massagem restaura a perda ou a diminuição da capacidade de auto-regulação vegetativa do organismo, baseada na função de dissolução do stress físico e emocional. (Sacharny, 1999, p.86)

Através do toque é possível acessar registros e memórias somáticas, havendo um relaxamento do controle mental e propiciando uma conexão com o universo sensorial. Há a possibilidade de um contato aprofundado com o ritmo da respiração, sente-se o pulsar orgânico, há um resgate do contato com o movimento e a vitalidade do corpo. Nesse sentido a ativação de uma memória corpórea e sensorial se fez potente no trabalho com M.

Passou a ser possível restabelecer uma conexão com registros de si próprio, buscando recuperar algo de sua identidade vital e orgânica que pudesse dar referências para a reconstrução do seu Eu. Devolvendo-lhe uma segurança interna e um prazer em existir. Pode-se dizer que alguma dimensão de seu Self foi acessada.

Hoje, M. já restabeleceu uma parte importante da sua memória, conquistou um certo grau de autonomia e como consequência reestruturou parte de suas couraças musculares e aspectos de seu caráter. Atualmente o desafio terapêutico está mais voltado à superação das resistências criadas por sua estrutura de caráter, portanto à análise do caráter.

Retomando a discussão de Reich sobre a questão da couraça do caráter, expressa na resistência do paciente em entrar em análise, observa-se que quando é possível o uso de massagem, essa funciona como recurso que auxilia na flexibilização das couraças musculares, neutralizando os mecanismos defensivos do paciente, e favorecendo a criação de um vínculo de confiança, entrega, segurança e afeto entre paciente e terapeuta.

Voltando à clínica do AT propriamente dita me parece possível fazermos uma aproximação à dois aspectos do pensamento e dos princípios reichianos. O primeiro, diz respeito à busca de restabelecer ou estabelecer um fluxo de vida sadio, uma inserção ou reinserção prazerosa no cotidiano, recuperar as funções dos órgãos dos sentidos, sentir o corpo, sentir-se presente. Restabelecer um contato consigo, com o outro, com o social e com o mundo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

8

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Estamos comprometidos com os mecanismo de apropriação e reapropriação dos sentidos, das percepções; com a delicada arte de reinserção de nosso cliente na trama e no entrelaço das relações sociais; estamos comprometidos, enfim, com o revigorar do fluxo da vida. (Camargo, 1991, p.52)

Podemos pensar que quando proporcionamos o contato afetivo, a parceria, o suporte aos nossos pacientes como AT estamos buscando restabelecer sensações de segurança, confiança, prazer, tranqüilidade e relaxamento recuperando assim um possível reequilíbrio no sistema neurovegetativo, buscando a auto-regulação e a funcionalidade entre os sistemas simpático (contração) e parassimpático (relaxamento).

Outro aspecto que podemos correlacionar entre o trabalho do AT e o sistema de pensamento Reichiano diz respeito ao campo da comunicação não verbal. Uma das funções prevalentes no Acompanhamento Terapêutico diz respeito ao que os Winnicotianos denominam de holding . *“Um outro ser humano capaz de testemunhar e compartilhar as experiências do acompanhado. A estabilidade e a constância também exerceriam uma função de holding.”* (Barretto, 1998, p.63). O estar perto, junto ao corpo do paciente, compartilhando concretamente as experiências vividas pela dupla, de dor ou de alegria. Através de um vínculo de confiança que busca suprir necessidades afetivas primitivas. Assim o AT oferece o seu próprio corpo que carrega a sua história afetiva individual, como sustentação ao campo de vivências do paciente, o que proporciona uma experiência integradora.

Para os neo-reichianos esse vínculo não verbal, empático, acontece no campo da Ressonância. Que diz respeito ao encontro de campos de energia do vivo, no vivo. É o encontro da pulsação do corpo do terapeuta com a do corpo do paciente.

Para David Boadella (1983), criador do termo, o conceito de ressonância está ligado à níveis de comunicação do sentir , de camadas profundas, entre campos energéticos. O terapeuta busca estabelecer um contato que permita a expressão do movimento de pulsação do paciente que possa transformar contração em expansão, ansiedade em prazer, confusão em clareza, interferência em ressonância.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

9

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Pode-se dizer que ressonância também está ligada ao que Reich vai chamar de “*sensações de órgão*” (2004, p.335), alguns neo-reichianos de identificação vegetativa e os kleinianos de identificação projetiva. Ou seja, é a percepção do terapeuta de alguma emoção, algum sentimento, alguma imagem, que vem do outro, e que se expressa no corpo do terapeuta. Este passa a ser um instrumento de identificação das tensões e dos estados emocionais do paciente.

No trabalho de AT é comum o terapeuta estar atento às suas sensações, sentimentos e tensões que surgem a cada encontro com seu paciente no sentido de identificar o tom da vivência do outro, como guia para a relação e possíveis intervenções no campo acompanhante-acompanhado.

Não acredito que caiba nesta reflexão uma conclusão propriamente dita. O que é possível pensar é que diante das diversas descobertas que tem sido feitas nos campos das neurociências e da psicossomática no século XXI podemos dizer que a psicologia aproxima-se cada vez mais das ciências dos processos vitais, estabelecendo uma correlação indiscutível entre o somático e o psíquico. Resgatando assim as pesquisas iniciais de Freud sobre as bases fisiológicas da mente e os estudos do velho Reich sobre a funcionalidade entre corpo e mente.

“O organismo vivo possui uma linguagem expressiva própria, antes de, para além de, e independente de toda a linguagem verbal” (Wilhelm Reich, 2004, p.333)

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, P. **Reich** – História das Idéias e Formulações para a Educação. São Paulo: Ágora, 1994

BARRETTO, K. D. **Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico: Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998

BOADELLA, D. **Transferência, Ressonância e Interferência** – Cadernos de Psicologia Biodinâmica 3 – São Paulo: Summus Editorial, 1983, p.85 a 108.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

10

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

BOYESEN, G. **Entre Psique e Soma** – Introdução à Psicologia Biodinâmica – São Paulo: Summus Editorial, 2ª edição, 1985.

CAMARGO, E.M.C. O Acompanhamento Terapêutico e a Clínica. In: **A Rua como Espaço Clínico**. São Paulo: Escuta, 1991

DADOUN, R. **Cem Flores para Wilhelm Reich**. São Paulo, Editora Moraes, 1991.

DHARMA, S. K. **Longevidade do Cérebro: Um Programa Médico Revolucionário que Aprimora a Mente e a Memória**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

EQUIPE DE ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS DO HOSPITAL-DIA A CASA (Org.) In: **A Rua como Espaço Clínico: Acompanhamento Terapêutico**. São Paulo: Escuta, 1991.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1969-80, vol.I.

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1969-80, vol.IV.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1969-80, vol.VII.

GOUVÊIA, R. C. D e BALTAZAR, M. V. Ressonância na Relação Terapêutica: Vivência nos Caminhos de Reich. **Revista reichiana**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, nº9, 2000.

MAUER, S. K. e RESNIZKY, S. **Acompanhantes Terapêuticos e Pacientes Psicóticos**. Campinas-SP: Papyrus, 1987.

NAVARRO, F. **A Somatopsicodinâmica: Sistemática Reichiana da Patologia e da Clínica Médica**. São Paulo, Summus Editorial, 1995.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica das Biopatias: Interpretação Reichiana das doenças com etiologia “desconhecida”**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991

PERKINS, J. M. O Estresse em Nossa Cultura. **Coleção Saúde e Sabedoria: O que você deve saber sobre o Estresse**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**. São Paulo, Brasiliense, 9ª Ed, 1983.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

11

FERRETTI, Flávia. Uma contribuição reichiana ao trabalho de acompanhamento terapêutico. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

SACHARNY, S. Da Massagem Reichiana à Análise Psico-Orgânica. **Revista Reichiana**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, nº 8, 1999

SAMSON, A. Psicoterapia e Massagem: Reflexões sobre a relação cliente – terapeuta. **Revista Reichiana**. São Paulo: Instituto, Instituto Sedes Sapientiae, nº5, 1996

WAGNER, C. M. **A Transferência na Vegetoterapia Carácter-Analítica**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. São Paulo, PUC, 2000.

AUTORA

Flávia Ferretti/SP - CRP-01/62786 - Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Atua como Vegetoterapeuta Carácter-analítica e Acompanhante Terapêutico de crianças, adolescentes e adultos. Possui formação em Somatopsicodinâmica e em Vegetoterapia Carácter-analítica.

E-mail: flaferretti@hotmail.com

